



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

MÁRCIA CAROLINE LIMA DE ARAÚJO SILVA

**UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A PEDAGOGIA DA AVENTURA E A
EXPERIÊNCIA PRÁTICA NA CIDADE DE SÃO VICENTE DO SERIDÓ – PB**

**CAMPINA GRANDE - PB
2025**

MÁRCIA CAROLINE LIMA DE ARAÚJO SILVA

**UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A PEDAGOGIA DA AVENTURA E A
EXPERIÊNCIA PRÁTICA NA CIDADE DE SÃO VICENTE DO SERIDÓ – PB**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
Educação Física da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciada em
Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Christiano Cordeiro Soares

**CAMPINA GRANDE - PB
2025**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586a Silva, Marcia Caroline Lima de Araujo.

Uma análise comparativa entre a pedagogia da aventura e a experiência prática na cidade de São Vicente do Seridó – PB [manuscrito] / Marcia Caroline Lima de Araujo Silva. - 2025.

48 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação física) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2025.

"Orientação : Prof. Dr. Christiano Cordeiro Soares, Departamento de Educação Física - CCBS".

1. Práticas corporais de aventura. 2. Educação física escolar. 3. Pedagogia da aventura. I. Título

21. ed. CDD 372.86

MARCIA CAROLINE LIMA DE ARAUJO SILVA

UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A PEDAGOGIA DA AVENTURA E A
EXPERIÊNCIA PRÁTICA NA CIDADE DE SÃO VICENTE DO SERIDÓ – PB.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso
de Educação Física da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de
Licenciada em Educação Física

Aprovada em: 08/05/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Regimenia Maria Braga de Carvalho** (***.562.384-**), em **14/05/2025 15:09:46** com chave **9e9795a030ee11f0859406adb0a3afce**.
- **Christiano Cordeiro Soares** (***.860.884-**), em **14/05/2025 09:43:32** com chave **0b758b0630c111f0a96906adb0a3afce**.
- **Jose Eugenio Eloi Moura** (***.099.204-**), em **14/05/2025 10:03:05** com chave **c6550dfa30c311f0a6fa06adb0a3afce**.
- **Bruno Rafael Vieira Souza Silva** (***.219.874-**), em **14/05/2025 13:37:44** com chave **c330495a30e111f093bf06adb0a3afce**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 15/05/2025

Código de Autenticação: 887c8b



Aos meus pais e minhas tias Sandra Berto
e Socorro Berto, por toda dedicação,
incentivo e zelo, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, o Todo Poderoso, que ouviu as minhas orações, e por Sua graça imerecida me concedeu força e sabedoria. E com sua infinita misericórdia me enviou pessoas que contribuíram de forma individual e medular para chegar ao fim dessa etapa, aos quais também sou grata.

Aos meus pais Gildo Berto da Silva e Adevânea Lima de Araújo Silva, que são minha referência de responsabilidade. Agradeço por toda confiança, paciência e SACRIFÍCIO que fizeram para que eu conseguisse chegar até aqui. Dedicando suas vidas a construção da minha jornada acadêmica, abdicando dos seus prazeres e sonhos pessoais para realização dos meus.

Ao meu noivo, colega e amigo João Helder de Araújo Albuquerque, que me incentivou do início ao fim dessa caminhada, acreditando quando eu já desacreditava, e sendo responsável por recarregar minhas energias com todo seu amor, carinho e paciência.

À minha avó paterna Severina Xavier da Silva, meu maior exemplo de força aqui na Terra, me incentivou e encorajou em cada etapa da caminhada estudantil, me afirmando que cada mínimo esforço valeria a pena, sempre repetindo a frase “Quanto maior o sacrifício, maior a glória”. A você vovó, minha profunda gratidão.

À minha irmã Maria Eduarda Lima de Araújo Silva, que abdicou de prazeres pessoais tão jovem para se dedicar a cuidar da casa e da nossa família devo minha eterna gratidão, você é um pilar essencial para minha construção acadêmica e profissional, sem o seu apoio irmã, não seria possível.

À minha irmã Maria Teresa Berto Mendonça, que é minha maior inspiração na área acadêmica, obrigada por me mostrar, com seu exemplo, que é possível ir além. Você me inspira a buscar sempre o melhor de mim.

As minhas tias Socorro Berto da Silva e Sandra Lúcia Berto da Silva, que abriram as portas da sua casa para viabilizar as oportunidades que surgiam, assim como por toda insistência e paciência todas as vezes em que negligenciei a minha educação, mas também por todo incentivo quando resolvi priorizá-la, vocês foram essenciais para o meu crescimento.

Deixo também registrado o meu agradecimento pela atenção e contribuição para realização deste trabalho, ao meu orientador Dr. Christiano Cordeiro Soares. Aos meus professores da graduação Jeimison de Araújo Marcieira e Daniel Batista

Santana, responsáveis por despertar em mim, o interesse pelas Práticas Corporais de Aventura.

Aos meus amigos Thayse Berto, Emanuel Vitor, Ana Beatriz e Adriano César, que entenderam a minha ausência e torceram para que esse momento chegasse.

Ao meu amigo Ceráfico, motorista, que por anos foi responsável por me levar a escola e a universidade, que também me fez rir em meio a rotina cansativa, me ouviu e me aconselhou como um bom amigo.

“Ser um bom professor não é fácil, vamos encontrar barreiras de todos os tipos, e antes de ensinar precisamos aprender a ouvir, porque no fim mais aprendemos que ensinamos (Santos, 2019. pg. 127).”

RESUMO

A leitura e análise de obras, assim como a sua analogia com a prática pedagógica são fundamentais para corroborar com a superação dos desafios atuais em que a Educação Física vem enfrentando, consequentemente a abordagem das Práticas Corporais de Aventura (PCA). Nesse sentido, o objetivo desta pesquisa foi comparar as convergências e divergências entre a teoria e a prática da pedagogia das aventuras na escola voltada à Educação Física no município de São Vicente do Seridó - Paraíba. O método usado foi a comparação entre a literatura, a partir do livro Pedagogia da Aventura na Escola, com a experiência do Estágio Supervisionado IV realizada no município de São Vicente do Seridó voltado à abordagem das PCA. O estudo iniciou pela síntese de cada capítulo do livro, que apontou os três temas mais comuns entre os capítulos, gerando assim as categorias, as quais conduziram a base das discussões comparativas. Pode-se perceber que muitos dos desafios encontrados na literatura se confirmam na prática pedagógica em São Vicente do Seridó, como a insuficiência de fundamentação teórica dos professores sobre a temática, carência de materiais e espaços adequados para realização das atividades, assim como para com os alunos com deficiência, negação de discentes em participar das atividades, além de incoerências provenientes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Com isso, pode-se concluir que para superar os desafios é crucial a formação continuada dos professores, para que não seja negado ou negligenciado a abordagem das PCA, bem como relacionar esse conteúdo para os alunos com e sem deficiência, através de adaptações e da criatividade do professor para superar a falta dos materiais e espaços adequados. Por fim, a pesquisa indica a necessidade de mais estudos interdisciplinares sobre a BNCC e as Práticas Corporais de Aventura.

Palavras-Chave: práticas corporais de aventura; educação física escolar; estágio supervisionado; são vicente do seridó.

RESUMEN

La lectura y el análisis de obras, así como su analogía con la práctica pedagógica, son fundamentales para contribuir a la superación de los desafíos actuales que enfrenta la Educación Física, y en consecuencia, el abordaje de las Prácticas Corporales de Aventura (PCA). En este sentido, el objetivo de esta investigación fue comparar las convergencias y divergencias entre la teoría y la práctica de la enseñanza y el aprendizaje de las actividades de aventura en el contexto escolar de Educación Física en el municipio de São Vicente do Seridó, en el estado de Paraíba. El método utilizado fue la comparación entre la literatura, a partir del libro *Pedagogía de la Aventura en la Escuela*, y la experiencia del Prácticum IV realizada en dicho municipio, enfocada en el abordaje de las PCA. El estudio comenzó con una síntesis de cada capítulo del libro, lo que permitió identificar los tres temas más comunes entre ellos, generando así las categorías que sirvieron de base para las discusiones comparativas. Se pudo observar que muchos de los desafíos encontrados en la literatura se confirman en la práctica pedagógica en São Vicente do Seridó, tales como la insuficiente fundamentación teórica del profesorado sobre la temática, la falta de materiales y espacios adecuados para la realización de las actividades, así como para la inclusión de alumnos con discapacidad, la negativa de algunos estudiantes a participar en las actividades, además de las incoherencias derivadas del Currículo Nacional Común Base (BNCC). De este modo, se concluye que para superar dichos desafíos es crucial la formación continua del profesorado, con el fin de que no se niegue ni se descuide el abordaje de las PCA, así como relacionar este contenido con el alumnado con y sin discapacidad, mediante adaptaciones y la creatividad del docente para suplir la falta de materiales y espacios adecuados. Por último, la investigación señala la necesidad de más estudios interdisciplinarios sobre la BNCC y las Prácticas Corporales de Aventura.

Palabras clave: prácticas corporales de aventura; educación física escolar; prácticum; são vicente do seridó.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Caminho Metodológico	18
--	-----------

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
BMX	Bicycle Moto Cross
EDF	Educação Física
PCA	Práticas Corporais de Aventura
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
2.1	Conceituando as Práticas Corporais de Aventura	14
2.2	Práticas Corporais de Aventura na Educação Física Escolar	14
2.3	Contribuição das Práticas Corporais de Aventura para formação humana...	15
3	METODOLOGIA	17
4	CATEGORIAS	21
4.1	Abordagem das aventuras nas aulas de Educação Física	21
4.2	Atividades de aventura para pessoas com deficiência.....	24
4.3	Práticas Corporais De Aventura na BNCC.....	25
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES	29
6	CONCLUSÃO	33
	REFERÊNCIAS	35
	APÊNDICE A – DIÁRIO DE CAMPO DOS ENCONTROS DO ESTÁGIO...38	
	APÊNDICE B – REGISTRO DO PRIMEIRO MOMENTO DO PRIMEIRO ENCONTRO DO ESTÁGIO.....42	
	APÊNDICE C – REGISTRO DA CAMINHADA REALIZADA NO PRIMEIRO ENCONTRO DO ESTÁGIO.....43	
	APÊNDICE D – REGISTRO DA VIVÊNCIA COM O SLACLINEL REALIZADA NO PRIMEIRO ENCONTRO DO ESTÁGIO.....44	
	APÊNDICE E – REGISTRO DA VIVÊNCIA DO SKATE REALIZADA NO SEGUNDO ENCONTRO DO ESTÁGIO.....45	
	APÊNDICE F – REGISTRO DA APRESENTAÇÃO DAS PESQUISAS REALIZADAS NO TERCEIRO ENCONTRO DO ESTÁGIO.....46	
	APÊNDICE G – REGISTRO DA GRAVAÇÃO DO <i>PODCAST</i> REALIZADO NO QUARTO ENCONTRO DO ESTÁGIO.....47	
	APÊNDICE H – REGISTRO DA TRILHA ECOLÓGICA REALIZADA NO QUINTO ENCONTRO DO ESTÁGIO.....48	

1 INTRODUÇÃO

A Educação Física vai além do esporte, do movimento, da atividade física e do jogo, ela é na verdade o conjunto desses e de outros elementos que, nesse universo do corpo/movimento, se denomina cultura corporal de movimento (Martiny; Theil; Neto, 2021). Com isso, pode-se dizer que a Educação Física Escolar tem por objetivo a abordagem da cultura corporal de movimento através das práticas corporais. Assim, o trato pedagógico desta disciplina tende reconhecer o aluno como um ser integral, composto por aspectos físicos, emocionais, sociais e cognitivos.

Porém, existem algumas fragilidades na abordagem dos conteúdos contemporâneos, a falta de formação continuada dos docentes é um dos fatores a dificultar a relação de conteúdos novos, já que podem proporcionar insegurança e dificuldades de planejamento, afetando diretamente a qualidade do ensino e consequente a aprendizagem do aluno, assim como afirmam Rosário e Darido (2005):

Muitos conteúdos não são ministrados porque os professores não os dominam, se sentem inseguros, ou se julgam despreparados. Somado a esse fator, os alunos resistem às atividades que não sejam os esportes coletivos que costumam praticar. (Rosário; Darido, 2005, p.177)

Concomitantemente, a resistência por parte das instituições educacionais por meio da direção escolar de introduzir novos conteúdos devido às questões de segurança, por medo de acontecer algum acidente, como quedas (Vital, 2019), por exemplo a falta de recursos como materiais e local para as vivências dos conteúdos nas aulas de Educação Física são fatores que fragilizam a abordagem de novos conteúdos.

Diante disso, sabe-se que as Práticas Corporais de Aventura foram recentemente inseridas nos documentos legais e, por isso, muitas vezes sofrem desses receios em sua abordagem nas aulas de Educação Física. Para tentar superar essas debilidades, é importante que o professor se mantenha em formação continuada, ao passo que ler e analisar obras que tratem da temática, pode ser uma das soluções para auxiliá-lo no processo de inserção de conteúdos novos em suas aulas, já que analisar as produções da área pode oferecer uma compreensão mais profunda e matizada sobre o tema.

Por intermédio da literatura, é possível identificar tendências emergentes, observar outros pensamentos, ou práticas e as direções em que o campo pode estar

se movendo. Nessa perspectiva, este trabalho envolveu discussões acerca do aspecto didático pedagógico das Práticas Corporais de Aventura nas aulas de Educação Física, a partir da análise da obra ‘Pedagogia da Aventura na Escola’ publicada no ano de 2019 pelo autor/professor Dimitri Wuol Pereira, comparando-a com a prática pedagógica do Estágio Supervisionado IV da autora deste trabalho, que se tratou de um Workshop de práticas corporais de aventura na cidade de São Vicente do Seridó – PB.

Logo, esta pesquisa foi pensada por considerar que é importante para o trato pedagógico das aulas a leitura e análise de obras que tratem de temáticas atuais e que abordem em suas reflexões relatos de experiências. Além disso, entende-se que a comparação da teoria com a prática pedagógica pode ampliar o entendimento sobre o cenário da temática, dando suporte para reparações e avanços em futuras abordagens, pois o “compromisso não pode ser um ato passivo, mas práxis - ação e reflexão sobre a realidade – inserção nela, ele implica indubitavelmente um conhecimento da realidade” (Freire, 1979, p. 21).

A partir desse contexto que justifica este estudo, aponta-se a problemática orientadora deste escrito: Quais são as convergências e divergências entre a teoria da obra Pedagogia da Aventura na Escola e a prática pedagógica do Estágio IV na cidade de São Vicente do Seridó – PB? Nessa linha de raciocínio, este trabalho teve como objetivo geral analisar de maneira comparativa a relação entre a teoria e a prática da pedagogia da aventura na escola voltada para Educação Física no município de São Vicente-PB.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Conceituando as Práticas Corporais de Aventura

As atividades que envolvem aventura não são recentes, elas existem há muito tempo, assim como a maioria das atividades físicas seus primeiros indícios são da época dos homens primitivos, quando desbravam o meio ambiente em busca de alimentos e de sobrevivência, a partir da superação de ambientes inóspitos e os desafios corporais de elementos naturais (Pereira, Wainer, Wainer, 2019).

Após a Segunda Guerra Mundial começaram a surgir esportes cujos elementos centrais eram risco, emoção e desafio as leis da natureza, os quais serviam como métodos de reabilitação física e psicológica para as vítimas da guerra, esses esportes foram identificados por esportes radicais que, com o passar do tempo e dos estudos, ganharam nomenclaturas como: Práticas Corporais de Aventura, Esportes de aventura, Esportes na Natureza, Atividades Físicas de Aventura, dentre outras (Silva *et al.*, 2019).

As aventuras atualmente caracterizam-se por atividades que envolvem vertigem, risco, perícias, proezas, imprevisibilidade, ambiente desafiador dentre outros elementos os quais merecem olhares mais atentos ao serem analisados no contexto escolar (Inácio *et al.*, 2016). Essa prática corporal explorada pela Educação Física é subdividida segundo a Base Nacional Comum Curricular em dois conceitos, que são: Práticas Corporais de Aventura na Natureza, que abrangem, por exemplo: Surf, Canoagem, Arborismo e *Mountain Bike*; e as Práticas Corporais de Aventura Urbanas que são as adaptações dessas atividades para o meio urbano, como: o Skate, Patinação, Escalada *Indoor*, BMX, entre outras. Essas subdivisões são encontradas na BNCC como objetos de conhecimento direcionados a serem abordados nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental II.

2.2 Práticas Corporais de Aventura na Educação Física Escolar

As Práticas Corporais de Aventura são consideradas um conteúdo explorado pela disciplina de Educação Física durante toda educação básica de ensino. É importante ressaltar que elas foram recentemente inseridas na Base Nacional Comum Curricular, que “é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver

ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (Brasil, 2017, p. 1). Segundo o referido documento, as Práticas Corporais de Aventura (PCA) devem ser trabalhadas no Ensino Fundamental nos anos finais, dividindo-o em PCA na natureza e PCA urbanas, os quais são considerados objetos de conhecimento da disciplina. Contudo, essa temática ainda pode ser trabalhada em todo processo da Educação Básica, de forma adaptada a cada etapa de ensino.

Para a Educação Infantil, por exemplo, uma das possibilidades é trabalhar as atividades de aventura através do jogo simbólico, que pode ser considerado uma ligação para o mundo do faz de conta, possibilitando às crianças a realização de sonhos e fantasias. Segundo Pereira (2019), ministrar as aventuras para crianças pode melhorar o desenvolvimento delas nos aspectos físicos, afetivos, sociais e cognitivos, como também a superação de torna-las mais confiantes. Este autor também defende que as técnicas de aventura aliadas ao jogo simbólico aumentam a segurança da prática. Dessa forma, entendemos que é possível e muito válido trabalhar as Práticas Corporais de Aventura nessa fase de ensino, e que por mais que elas não sejam indicadas de forma direta pela BNCC, o documento pode receber em sua parte diversificada.

Já no Ensino Médio, a BNCC dá a liberdade para que as redes de ensino abordem a Educação Física e conseqüentemente as PCA à sua maneira. Dessa forma, essas práticas podem ser usadas de forma estratégica para explorar os princípios a elas relacionados, como o respeito ao ambiente onde treinam, a ausência de competições em sua maioria e o altruísmo presente nas modalidades. Por exemplo, o *Parkour* é capaz de contribuir para formação do caráter dos participantes (Fernandes *et al.*, 2015), em conformidade com a perspectiva do novo ensino médio para o Ensino Integral, que propõe uma melhoria qualitativa na formação humana dos alunos por meio das disciplinas optativas, que é o caso da Educação Física (De Miranda Filho, 2017).

2.3 Contribuição das Práticas Corporais de Aventura para formação humana

As Práticas Corporais de Aventura (PCA) como um conteúdo da disciplina de Educação Física desempenham um papel significativo na formação humana, pois possibilita uma educação voltada a questões socioambientais oportunizando aos alunos noções de respeito a vida e valores que contribuem para formação do seu

caráter (Inácio, Moraes, Silveira, 2013). Corroborando com esse pensamento, Silva *et al.* (2019) concluem que é importante a abordagem das PCA na escola pois permite trabalhar com os alunos aspectos da formação humana como a segurança, confiança, superação de limites, cooperação e respeito ao próximo oportunizando ainda o aluno a lidar com as frustrações nas práticas esportivas e consequentemente na vida.

Nessa ótica, conforme indicado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o trato pedagógico das práticas corporais deve promover a construção de valores como respeito e preservação dos ambientes onde são vivenciadas, primordialmente os espaços públicos e patrimônios naturais, minimizando os impactos e a degradação ambiental (Brasil, 2017).

3 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de cunho comparativo, na qual a análise documental da obra “Pedagogia da Aventura na Escola”, do autor Dimitri Wuol Pereira, foi confrontada com os dados obtidos por meio das observações e relatórios produzidos no Estágio Supervisionado IV. Foram examinados aspectos como: dificuldades de tratar as práticas corporais de aventura, estratégias utilizadas pelos professores, de que maneira as práticas corporais de aventura estão inseridas na BNCC, como também o trato pedagógico das aventuras para pessoas com deficiência.

Por sua vez, essa pesquisa sendo de caráter qualitativo permite uma busca mais completa sobre a temática em estudo, além de uma análise mais aprofundada das experiências, perspectivas e contextos dos participantes dos estudos. Esse tipo de abordagem trabalha com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões. Ela aprofunda a complexidade de fenômenos, fatos e processos; passa pelo observável e vai além dele ao estabelecer inferências e atribuir significados ao comportamento (Silva, 2010).

Para tanto, a pesquisa iniciou-se pela análise documental, tendo a análise e interpretação de um documento como fonte principal. Dessa forma, o campo de estudo desta pesquisadora levou a perceber fatos a partir das concepções contidas no documento, neste caso, do livro “Pedagogia da Aventura na Escola”, contribuindo assim com a área estudada. “Assim pode-se dizer que a pesquisa documental é aquela em que os dados obtidos são estritamente provenientes de documentos, com o objetivo de extrair informações neles contidas, a fim de compreender um fenômeno.” (Kripka; Scheller; Bonotto, 2015, p. 244).

De fato, a pesquisa documental atua a partir de um ou mais documentos, que podem ser qualquer tipo de registro que contenha informações relevantes para a pesquisa em questão. A partir da perspectiva de Saviani (2004), o documento significa o ponto de origem, o lugar de onde brota algo que se projeta e se desenvolve, além disso, indica a base, o ponto de apoio, o repositório dos elementos que definem os fenômenos cujas características se busca compreender.

O documento utilizado para essa análise foi o livro “Pedagogia da Aventura na Escola”, que a partir da experiência do Estágio Supervisionado IV envolvendo as Práticas Corporais de Aventura, o professor Daniel Batista Santana percebeu o

interesse desta pesquisadora pela área e a presenteou com o livro, que posteriormente ao ler este patrimônio literário, veio a ser a base desta investigação. A obra retrata abordagens das Práticas Corporais de Aventura em projetos, todavia prioritariamente em aulas de Educação Física, abordando discussões acerca do trato desse conteúdo a partir de relatos de experiência, como também discutindo de forma aprofundada sobre a temática em estudo.

Após a leitura do livro, foi feita a síntese de cada capítulo analisando sobre o que e como está sendo trabalhado as PCA. A partir da síntese, foram identificadas as fases de ensino de cada capítulo e as principais temáticas que atravessam a obra, só então pode-se elencar em categorias os temas mais comuns entre os capítulos.

Em cada categoria foram analisadas e discutidas as contribuições e fragilidades acerca das Prática Corporais de Aventura. Ou seja, as discussões que colaboraram com essa temática e aquilo que ainda falta aprofundamento e mais análises para abordagem desse conteúdo nas aulas de Educação Física. Como elo temático, as categorias foram a origem da análise comparativa entre a teoria da obra “Pedagogia da Aventura na Escola” e a prática do Estágio Supervisionado IV.

Nessa linha de raciocínio, de acordo com Soares (2023):

A comparação se configura como um princípio metodológico, que perpassa pelas questões históricas, culturais e sociológicas e que projeta os contextos econômicos, políticos, normativos e educativos nas esferas: internacionais, nacionais, regionais e locais (Soares, 2023, p. 43).

Dessarte, esta pesquisa considerou o contexto histórico de evolução das Práticas Corporais de Aventura como um conteúdo agora previsto para o ensino básico das escolas do Brasil, assim como as suas interpretações culturais e relações sociais, econômicas e políticas.

No que diz respeito à prática, o estágio foi realizado no município de São Vicente do Seridó -PB, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Damião Zelo de Gouveia, entre julho e agosto de 2022, no qual havia cerca de 700 alunos que estudavam entre o 4º e o 9º ano do ensino fundamental. A experiência se tratou de um Workshop, que foi nomeado como “I Workshop de Práticas Corporais de Aventura”, o qual foi idealizado, escrito e executado junto com o então colega João Helder de Araújo Albuquerque, que teve participação ativa em todas as etapas. O

projeto foi divulgado no mural da escola, assim como foi passado nas salas, apresentando-o e realizando as inscrições para as turmas dos 8º e 9º anos.

De início, trinta alunos se inscreveram, porém, cerca de treze alunos participaram dos encontros. Ao passar nas salas, pode-se perceber inicialmente que a maioria dos alunos não sabiam o que eram as Práticas Corporais de Aventura, tampouco que se tratava de um conteúdo da disciplina de Educação Física. Esse dado foi alarmante e serviu para fundamentar o planejamento das aulas. O estágio teve um total de cinco encontros, pelos quais foram realizadas inicialmente a apresentação das PCA, intercalando com caminhadas pelas ruas da cidade para identificar quais atividades de aventura eram possíveis serem realizadas, como também a vivência do *slackline*.

Ainda no primeiro encontro, a turma foi dividida em dois grupos, para que cada um pudesse escolher uma prática e realizar uma pesquisa conforme as orientações dos professores. As escolhas feitas foram skate e rapel, a ideia foi que essa seleção subsidiasse os temas das aulas seguintes. Logo, no segundo encontro foi possível conhecer e vivenciar o skate. Já no terceiro encontro os alunos puderam apresentar as pesquisas realizadas sobre as temáticas escolhidas, onde foi debatido sobre políticas públicas relacionadas a essas atividades. Contudo, o rapel que seria a experiência da aula seguinte não foi possível de realizá-la, visto que na cidade não havia local apropriado para essa prática.

Dessa forma, no encontro seguinte foi realizado a gravação de um podcast, em que no primeiro momento os alunos foram orientados a pesquisar de forma livre o que gostaria de discutir sobre as Práticas Corporais de Aventura, conjuntamente elaborando um roteiro, para enfim realizar a gravação, onde foi discutido sobre a cultura das práticas corporais no município, a inviabilidade da vivência de algumas atividades de aventura, desconhecimento sobre as PCA pela comunidade, negligência desse conteúdo nas aulas de Educação Física e a relação entre os receios ligados as atividades de aventura e os métodos de segurança. A ideia inicial era publicar o PodCast nas redes sociais da escola, entretanto, como os vídeos gravados tiveram mais de 30 minutos, a rede não suportou. No quinto e último encontro foi realizada uma trilha ecológica subindo uma serra com a participação e contribuições de bombeiros civis. No topo da serra foi possível compartilhar um café da manhã e discutir a aprendizagem das aulas.

Figura 1 – Caminho Metodológico.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Em suma, a experiência do Estágio Supervisionado IV foi acrescida ao objeto de estudo desta pesquisa a fim de enriquecê-la, visto que foram analisadas as convergências e divergências da literatura com a experiência vivenciada no Estágio Supervisionado IV, constatando novos pensamentos e estratégias no ensino das Práticas Corporais de Aventura, contribuindo para futuras pesquisas, como também identificando aquilo que ainda falta se debruçar sobre as PCA. A base deste paralelo, foram os principais temas de discussão na literatura, ou seja, as três categorias dispostas a seguir.

4 CATEGORIAS

4.1 Abordagem das aventuras nas aulas de Educação Física

A partir da leitura do livro *Pedagogia da Aventura na Escola* pode-se perceber que uma das principais discussões da obra foram as dificuldades de inserir as atividades de aventura nas aulas de Educação Física, a cada capítulo eram relatadas algumas complicações que se repetiam por autores diferentes, os quais também comentaram as possíveis soluções encontradas.

É possível afirmar que as Práticas Corporais de Aventura é um conteúdo novo, inserido na Base Nacional Comum Curricular em 2017 para a Educação Básica, acreditando então que por ser um tema recente, ainda existem muitas dúvidas e consequentemente desafios como tudo que se inicia. Sabendo disso, uma das dificuldades apresentadas pelo autor e coautores do livro na inserção das PCA nas aulas de Educação Física é a falta de conhecimento sobre a temática pelos professores, visto que alguns sequer alcançaram a discussão sobre esse conteúdo na sua graduação e, assim, sentem dificuldade para fundamentar suas aulas.

Nesse prisma, é necessário que o professor dialogue sobre as novas modalidades e métodos de ensino. Para isso, é importante a formação continuada, “ler alguns livros e artigos, participar de palestras, cursos, formações, e se possível, fazer cursos mais avançados para pôr em prática a atividade da qual escolher” (Finardi, 2019, p. 148).

Outro fator importante é fazer com que o professor conheça e vivencie as práticas corporais antes de abordar, visando contribuir para o conhecimento da modalidade como um todo, com a pretensão de ampliar o conhecimento e auxiliar na ministração das aulas, permitindo aos alunos vivenciarem as atividades de aventura de maneira segura, mesmo que de forma adaptada (Pereira; Wainer; Wainer, 2019). Afinal, em conformidade com esse pensamento, Vital (2019) diz que primeiro o professor aprende para depois ensinar. Uma solução também viável para contribuir com a fundamentação das atividades de aventura, seria convidar outros professores que tenham familiaridade com a prática ou até algum atleta que possa colaborar para desenvolver uma boa aula.

Outro desafio encontrado pelos professores em abordar as Práticas Corporais de Aventura nas aulas é a falta de materiais e espaços adequados para desenvolver as atividades, no qual é considerado um dos desafios mais agravantes. Foi possível

perceber que esse é um dos mais comuns relatados, pois na maioria das escolas principalmente públicas não há financiamento dos materiais adequados, visto que estes são muito caros.

Dessa forma, o docente preocupado com o desenvolvimento da sua aula muitas vezes acabava financiando os materiais, o que não seria a melhor das soluções, visto que essa não é responsabilidade do professor e sim da direção escolar em providenciar, assim como da secretaria de educação em escolas públicas. Uma das soluções encontradas por um dos autores do livro durante a realização das aulas foi solicitar que os próprios alunos trouxessem o material pessoal para uso durante as aulas, a exemplo do skate, porém essa solução só foi viável, visto que, os estudantes já tinham a cultura de praticar tal atividade e por isso já tinham o aparelho, desta forma, entende-se que este meio nem sempre será possível (Santos, 2019).

A partir da leitura do capítulo 7 “Aventura na escola novidades e emergências para a Educação Física” pode-se perceber que a criatividade do professor é fundamental para superar essas fragilidades e se adequar aos materiais e ao espaço da escola, foi uma das soluções viáveis encontradas por alguns autores, os quais iniciaram as aulas com a prática do *Parkour* utilizando mesas, cadeiras, banco, muro, corrimão e parede, recursos que já existiam na escola. Portanto, ressignificando-os como materiais pedagógicos. Tal atitude ensejou em outras reflexões:

Como explicar para os alunos que na aula eles podiam saltar os bancos, saltar sobre as mesas, entre outras coisas, e que fora da aula essa atitude seria inadequada? O diálogo foi a solução encontrada combinando as regras e o respeito aos comportamentos e limites do que seria permitido na aula e fora dela. (Pereira; Richter, 2019, p. 84)

Aqui, o autor deixa alguns questionamentos sobre como foi o diálogo entre o professor e os alunos, pois ele diz que foi combinado o que poderia ser feito na aula e fora dela, só que será que o professor proibiu a prática do *Parkour* fora das aulas? Seria um bom argumento? Nesse contexto, é necessário um diálogo sobre segurança, aqui cabe uma conversa sobre a importância dos métodos de segurança, para realização das práticas de aventura, que é outro desafio encontrado no desenvolvimento desse conteúdo nas aulas, assim como a própria BNCC orienta em suas habilidades:

(EF67EF18) Experimentar e fruir diferentes práticas corporais de aventura urbanas, valorizando a própria segurança e integridade física, bem como as dos demais.

(EF67EF19) Identificar os riscos durante a realização de práticas corporais de aventura urbanas e planejar estratégias para sua superação.

(EF67EF20) Executar práticas corporais de aventura urbanas, respeitando o patrimônio público e utilizando alternativas para a prática segura em diversos espaços. (Brasil, 2017, p. 237)

Com isso, não é interessante limitar a experimentação de qualquer conteúdo/ atividades corporais de Educação Física as aulas, porém é importante que o aluno esteja ciente dos riscos e da importância da segurança para as práticas. Outro argumento relevante seria sobre a preservação do local onde é vivenciado as práticas que é um dos princípios das Práticas Corporais de Aventura consequentemente do *Parkour*, como já disse Fernandes *et al.* (2015) o respeito ao ambiente onde treinam também é prioridade no *Parkour*. Assim, instigando no aluno o dever de preservar o ambiente onde é vivenciada esta prática, nesse caso a própria escola. Possivelmente, estes mecanismos seriam viáveis para tal situação, também por meio do diálogo, porém esse com argumentos diferentes.

A vivência das Práticas Corporais de Aventura envolvem diretamente a vertigem e adrenalina para aqueles que os praticam (Paixão *et al.*, 2011) assim outra dificuldade encontrada ao inserir esse conteúdo nas aulas de Educação Física foram os receios, em relação ao risco que a aventura pode oferecer, esses receios partem principalmente por parte da gestão pedagógica das escolas, porém o apoio da direção é essencial para desenvolver esse conteúdo, para isso é importante um diálogo com argumentos sólidos mostrando que domina o conteúdo como também a sua importância para o desenvolvimento dos alunos (Vital, 2019).

A partir dos relatos de experiência abordados no livro “Pedagogia da Aventura na Escola” pudemos perceber que são fundamentais os conhecimentos sobre as técnicas e procedimentos de segurança, assim o professor consegue controlar os riscos reais e permitir a vivencia apenas dos riscos imaginários (Pereira, 2019). Corroborando com esse pensamento, os autores Vieira e Carvalho (2019) retratam no capítulo cinco do livro, que ao participar de uma atividade de aventura durante a aula o aluno não deve estar envolvido em um risco eminente com a possibilidade de que algo de errado vá acontecer, mas sim experimentando das possíveis sensações de êxtase, adrenalina e até vertigem que essas atividades podem proporcionar, inclusive para pessoas com deficiência.

4.2 Atividades de aventura para pessoas com deficiência

A vivência das pessoas com deficiência nas atividades de aventura aconteceu de forma gradativa e com algumas dificuldades, foi somente com o avanço das técnicas, dos equipamentos de segurança e um forte apelo midiático que as PCA se popularizaram para esse público (Silva *et al.*, 2019).

Discussões internacionais sobre o movimento da Escola para Todos e a Declaração de Salamanca, deram o tom apropriado para a palavra inclusão. No Brasil este movimento teve reflexos com a implementação da Lei de Diretrizes de Base (LDB) de 1996 e, interferindo diretamente nas legislações estaduais e municipais (Capellini, Rodrigues, 2009, p. 356).

Contudo, pode-se dizer que a abordagem das Práticas Corporais de Aventura nas aulas de Educação Física já tem as suas dificuldades, e quando se trata do desenvolvimento dessas aulas para alunos com deficiência ampliam-se os desafios, pois é notado que ainda existe uma falta de preparo dos professores para com esse público devido a falhas na sua formação acadêmica, assim como poucas referências que contribuam para a inclusão, além de dificuldades na efetivação de políticas educacionais e problemas organizacionais (Silveira, Enumo, Rosa, 2012), dificuldades que afetam não apenas as aulas de Educação Física como também as das demais disciplinas.

Entretanto, a partir da leitura do livro *Pedagogia da Aventura na Escola* ficou claro que a criatividade do professor associado a uma formação continuada pode gerar boas e produtivas aulas. No capítulo quatro Silva *et. al.* (2019) relatam que foram desenvolvidas aulas com alunos da Escola de Desenvolvimento Especial Juliano Varela mais especificamente com pessoas com Síndrome de Down, que a partir das aulas desenvolvidas o autor constatou que não há muita diferença em trabalhar com alunos com ou sem esse tipo de deficiência, mas que na verdade é necessário processos pedagógicos que respeitem a individualidade dos alunos.

Os relatos reafirmaram que os Esportes de Aventura são importantes para os alunos com Síndrome de Down, pois contribuem para o desenvolvimento de competências importantes, como: lidar com frustrações nas práticas esportivas e na sua vida cotidiana, refletir sobre segurança, confiança e superação de limites. Tal afirmação legitima os estudos de Inácio, Moraes e Silveira (2013), que dizem que as PCA oportunizam os seus praticantes a uma conscientização da sua relação com o

meio ambiente e as suas relações sociais ampliando as possibilidades de autoconhecimento e de mudanças de hábitos em diversas dimensões.

Já no capítulo dois, Pereira (2019) discorreu por meio de um relato de experiência uma aula com o conteúdo Práticas Corporais de Aventura a partir do jogo simbólico, nesse contexto foi realizada uma atividade de escalada com uma turma em que um dos alunos era cadeirante, o professor garantiu durante toda a trilha que o aluno participasse mesmo com suas adaptações, nos momentos finais dessa mesma aula foi preparada uma escalada na qual todos os colegas contribuíram para a subida do aluno com deficiência física, foi relatado também a alegria de todos com a participação do colega e em poder ajuda-lo.

Pode-se perceber que o professor planejou a aula de forma com que todos os alunos com suas individualidades pudessem participar, e que ninguém ficasse de fora. Também foi notado que o professor influenciou a turma a ajudar o aluno e quando conseguiram lhe levar ao topo da “montanha” comemoram como uma vitória coletiva, o que foi essencial não só para aquela aula, mas para o convívio da turma na integra incentivando a cooperação entre si, assim valorizando a união e o apoio uns com os outro durante as aulas e possivelmente para suas vidas cotidianas.

De fato, cada relato expõe métodos e realidades diferentes, nos deixando claro que quando se fala do trato pedagógico com alunos com deficiência, podemos nos deparar com uma infinidade de limitações e potencialidades em cada aluno, exigindo assim do professor uma formação prévia e continuada sobre este tema para melhor adaptar as aulas para este público.

4.3 Práticas Corporais De Aventura na BNCC

O Ministério da Educação inseriu as Práticas Corporais de Aventura na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) na sua versão publicada em 2017, apresentando-a como uma das Unidade Temática previstas no currículo da disciplina de Educação Física, podemos considerar um grande avanço para as PCA visto que, antes era apenas mencionada como um tema interdisciplinar nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

Diante da diversidade de nomenclaturas que as PCA ganharam com o tempo, a BNCC optou por classifica-las como Práticas Corporais de Aventura Urbanas e Práticas Corporais de Aventura na Natureza. Essas subdivisões estão no documento

como objetos de conhecimento, porém, vale salientar que algumas das atividades de aventura podem ser praticadas tanto no meio urbano como em ambientes naturais, a exemplo do *slackline*, *parkour*, ciclismo e escalada, tornando assim essa subdivisão um pouco incoerente. Contudo, a BNCC não delimita o que deve ser trabalhado em cada objeto de conhecimento, deixando um leque de direções para onde o professor pode se debruçar.

Logo, surge também o seguinte questionamento: Por que os objetos de conhecimento das Práticas Corporais de Aventura não seguiram a mesma divisão que as Lutas, Brincadeira e Jogos e Danças? Vale ressaltar que estes foram organizados por regionalidade das mais familiares (localidade, região) as menos familiares (nacionais e mundiais) (Neira, 2018). O documento não teve um critério para essas organizações e a sua “justificativa” baseia-se na progressão do conhecimento:

Em princípio, todas as práticas corporais podem ser objeto do trabalho pedagógico em qualquer etapa e modalidade de ensino. Ainda assim, alguns critérios de **progressão do conhecimento** devem ser atendidos, tais como os elementos específicos das diferentes práticas corporais, as características dos sujeitos e os contextos de atuação, sinalizando tendências de organização dos conhecimentos (Brasil, 2017, p. 217, negrito do autor).

A partir dessa visão, surge outro questionamento, as práticas corporais de aventura na urbanas que está indicada para os 6º e 7º anos são mais complexas que as práticas corporais de aventura na natureza que estão indicadas para os 8º e 9º anos? É assim que o documento deixa a entender.

É importante salientar que a Base Nacional Comum Curricular indica as Práticas Corporais de Aventura apenas para o Ensino Fundamental II da educação básica, a partir da análise das habilidades propostas para a abordagem desses conteúdos podemos perceber que o documento aponta para o ensino da origem e tipos das PCA's, assim como suas características e transformações históricas.

(EF67EF21) Identificar a origem das práticas corporais de aventura e as possibilidades de recriá-las, reconhecendo as características (instrumentos, equipamentos de segurança, indumentária, organização) e seus tipos de práticas.

(EF89EF21) Identificar as características (equipamentos de segurança, instrumentos, indumentária, organização) das práticas corporais de aventura na natureza, bem como suas transformações históricas (Brasil, 2017. p. 237; p. 241).

Ademais, o documento valoriza e sugere que a partir da abordagem desses conteúdos sejam respeitados e preservados os locais cuja essas práticas são vivenciadas, como os patrimônios públicos nas aventuras urbanas e o patrimônio natural nas aventuras na natureza.

(EF67EF20) Executar práticas corporais de aventura urbanas, respeitando o patrimônio público e utilizando alternativas para a prática segura em diversos espaços.

(EF89EF19) Experimentar e fruir diferentes práticas corporais de aventura na natureza, valorizando a própria segurança e integridade física, bem como as dos demais, respeitando o patrimônio natural e minimizando os impactos de degradação ambiental (Brasil, 2017. p. 237; p. 241).

Por sua vez, a BNCC considera importante que a partir das vivências dessas práticas sejam identificados e minimizados os riscos, sempre valorizando a segurança e integridade dos alunos.

(EF67EF18) Experimentar e fruir diferentes práticas corporais de aventura urbanas, valorizando a própria segurança e integridade física, bem como as dos demais.

(EF67EF19) Identificar os riscos durante a realização de práticas corporais de aventura urbanas e planejar estratégias para sua superação.

(EF89EF20) Identificar riscos, formular estratégias e observar normas de segurança para superar os desafios na realização de práticas corporais de aventura na natureza (Brasil, 2017. p. 237; p. 241).

No entanto, as Práticas Corporais de Aventura não estão previstas como unidade temática para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Então as aventuras também não deveriam estar nessa fase de ensino? É o que questiona Augusto e Pereira (2019). Na verdade, por que elas não estão? Já foi dito pelo próprio Pereira (2019) que elas podem entrar na parte diversificada do currículo. Todavia, essa falta faz parecer que essa prática é menos importante que as demais nessa fase. Pereira e Richter (2019) relatam as possibilidades da abordagem das Práticas Corporais de Aventura para turmas de 4º e 5º ano, eles realizaram atividades como arvorismo e ao final puderam considerar que as aventuras devem ser aplicadas na escola, porém o professor que decidir por aborda-las deverá se atentar a alguns obstáculos que podem encontrar como espaço escolar, falta de equipamento, falta de conhecimento sobre o conteúdo e as técnicas de segurança.

Para o Ensino Infantil a BNCC já não é mais estruturada a partir de unidades temáticas e objetos de conhecimento, ela está organizada a partir dos campos

experiência (O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimento; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações) e direitos de aprendizagem (O conviver, o brincar, o participar, o explorar, o expressar e o conhecer-se) os quais fazem total relação com as atividades de aventura (Augusto; Pereira, 2019).

A partir dos relatos de Augusto e Pereira (2019) no capítulo 'Uma aventura pelo universo da fantasia' pudemos perceber que as Práticas Corporais de Aventura se associam ao jogo simbólico e ao circuito motor na Educação Infantil, uma vez adaptadas a faixa etária do aluno e ao seu nível de aprendizagem, com isso levando em consideração a importância do brincar para criança. Os autores do capítulo ainda concluem que a BNCC na Educação Infantil não só dialoga, mas valoriza a Educação Física e consequentemente as PCA, pois elas dialogam com os campos experiência e os direitos de aprendizagem. Pereira (2019) afirma que desenvolver as aventuras no ensino infantil melhora o desenvolvimento das crianças nos aspectos físicos, afetivo, social e cognitivo além disso a superação que essas atividades proporcionam os tornam mais confiantes.

A realidade da Educação Física no Ensino Médio é bem oposta ao que encontramos na Educação Infantil, pois na estrutura da BNCC (2018) não mais apresenta a Educação Física como um componente curricular, agora ela se torna apenas uma área de conhecimento, apesar de não necessariamente excluir, essa nova versão desvaloriza a disciplina, pois agora ela não está mais garantida, de forma que as redes de ensino terão liberdade para desenvolver essa matéria a partir de projetos, oficinas e outras estratégias (Beltrão; Taffarel; Teixeira, 2020).

Diante desse contexto desvalorizador da Educação Física no Ensino Médio, fica claro que as Práticas Corporais de Aventura também podem ser afetadas nessa fase de ensino, contudo essa abordagem ainda é aceita na parte diversificada da BNCC (Pereira, 2019).

Estas análises, incitam reflexões sobre a teoria e a prática, como foi realizado a partir da obra de Pereira e no estágio supervisionado.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Diante das nossas análises, identificamos que muitos dos desafios apontados pela literatura são confirmados na prática escolar. Notou-se que é comum a dificuldade de aporte teórico sobre as Práticas Corporais de Aventura pelos professores para subsidiar as aulas, que por ser um conteúdo recentemente inserido nos documentos legais, muitos professores não conheciam pois não alcançaram em suas graduações, ou pelo menos não tinham domínio suficiente para aborda-los. Essa, também foi a realidade apontada no estágio, apesar de os professores já estarem no final do curso de Licenciatura em Educação Física e terem ministrado a disciplina de Práticas Corporais de Aventura e até mesmo ter se interessado pela área, ainda não se tinha familiaridade suficiente com a temática para abordar as aulas, sendo necessários instruí-los previamente a cada planejamento, sobre a teoria das PCA, como também foi necessário a experimentação prévia de cada atividade planejada.

Converge, portanto, com o que diz a teoria analisada o fato de que, conforme se pôde perceber por meio dos relatos dos autores/professores, há a necessidade de estudar sobre as atividades de aventura antes de ministrar as aulas. Outra solução também encontrada na literatura foi convidar outros professores ou atletas que tinham mais familiaridade com essas atividades para contribuir com as aulas. Essa também foi uma solução pensada durante o estágio para a realização do rapel, em que, oportunamente, foi convidada uma equipe de Bombeiros Civis para conduzir a prática, já que ambos os professores responsáveis pelo estágio não possuíam conhecimento suficiente para realizá-la.

Observou-se ainda que a falta de espaços e equipamentos apropriados também são fatores limitantes para a implementação efetiva das PCA. Foi relatado por autores diferentes da obra *Pedagogia da Aventura na Escola* que a falta de material e local adequado são alguns dos principais empecilhos para abordagem desses conteúdos, visto que os materiais são caros pelos quais a escola nem sempre pode ou quer financiar. Essa realidade também foi sentida no estágio, pois a escola onde aconteceu a experiência não dispunha de materiais para abordagem desses conteúdos, assim como os professores não possuíam nenhum equipamento que pudesse contribuir para realização das atividades. Além disso, por falta de local apropriado não foi possível a realização da prática do Rapel, já que no município de

São Vicente do Seridó existem poucos prédios e nenhum deles é apropriado para realização dessa experiência, e nem mesmo a zona rural do município possui locais com relevos oportunos para a vivência.

No entanto, explorar os arredores da escola para outras práticas, assim como solicitar os materiais emprestado foi a solução encontrada para superar esse desafio na experiência do estágio, os skates e o *slackline* que foram usados nas aulas eram de colegas professores que disponibilizaram, contudo é certo que nem sempre esse meio é viável, assim como solicitar os materiais dos próprios alunos como fez Santos (2019) pode dar certo, pois em ambos os casos dependem de terceiros. Além disso, Pereira e Richter (2019) afirmam que para superar os desafios que surgem é preciso criatividade do professor. Validando esse pensamento, os apontamentos de Pereira (2019) sobre a ressignificação dos ambientes escolares para a prática das PCA, parecem mitigar os desafios dos materiais e espaços.

Outro desafio relatado no livro por Vital (2019) foi a resistência da gestão escolar em aceitar as atividades de aventura, visto que se entendia por atividades de risco, com isso se tinha o receio em acontecer acidentes com os alunos. No entanto, o mesmo autor solucionou a situação com o diálogo passando segurança de que dominava o conteúdo e não iria acontecer incidente com os estudantes. Disconforme com o que diz a literatura, esse não foi um problema encontrado na experiência do estágio, visto que a diretora da escola abraçou a ideia e não criou nenhum empecilho para realização das atividades.

Por sua vez, a segurança foi uma temática levantada pela literatura como desafiadora, visto que além de se ter a cobrança das instituições por parte da gestão escolar a Base Nacional Comum Curricular orienta a prática das atividades valorizando a segurança e identificando os possíveis riscos para supera-los. Nessa linha de pensamento, Vieira e Carvalho (2019) retratam que ao vivenciar uma atividade de aventura os alunos buscam experimentar apenas riscos imaginários, ou seja, as sensações de êxtase, adrenalina ou até vertigem, porém sem relação nenhuma com os riscos reais, imaginando que algo de errado vá acontecer, sendo dessa forma que os professores devem conduzir as suas aulas. Corroborando com essa visão, na experiência do estágio buscou-se valorizar a segurança em todas as práticas, minimizando o máximo de imprevistos possíveis que pudessem conduzir os alunos a situações onde sua integridade física se achasse em risco.

Outro aspecto relevante foi a receptividade dos alunos às atividades propostas. Inicialmente houve desinteresse nas inscrições para participação do projeto e até mesmo não estiveram presentes todos que se inscreveram, muito desse desinteresse se justifica porque os alunos não conheciam as Práticas Corporais de Aventura já que as aulas de Educação Física estavam voltadas a recreação e atividades esportivas. No entanto, foi possível perceber para os que participaram que as metodologias ativas e a abordagem crítica e participativa favoreceram o engajamento dos discentes, confirmando a tese de Silva *et al.* (2019) sobre a capacidade das PCA em promover autonomia e interação social.

No tocante ao trato pedagógico das Práticas Corporais de Aventura para pessoas com deficiência, o livro pode apontar para cada realidade adaptações e abordagens específicas que atendessem as dificuldades e potencialidades dos alunos, contando com muita criatividade. Em que pese esses fatores positivos, ainda há inexperiência dos professores para inclusão desses alunos nas aulas, muito por falhas na sua formação acadêmica e corroborando com essa problemática a escassez de literatura para embasar os projetos e aulas dificultam ainda mais a inclusão dos alunos com deficiência (Silva *et al.*, 2019).

Na experiência do estágio, não houve a participação de nenhum aluno com deficiência, apesar disso, após a análise da literatura ficou claro que é necessário estudos prévios relacionados a inclusão e adaptações das aulas, já que não existe uma abordagem ou adaptação comum a esse público, ao contrário disso, foi observado que cada realidade exige estudo prévios, exclusivos e contínuos. Por isso, o contato dos professores com alunos com deficiência durante a formação é de suma importância, para maior familiaridade com esses estudantes, já que a maior dificuldade de se trabalhar com os alunos com deficiência não está ligada aos próprios alunos, mas sim às barreiras sociais e atitudinais para com esses discentes.

Por fim, constatou-se que há uma evolução na apresentação das Práticas Corporais de Aventura a partir da Base Nacional Comum Curricular, já que a partir desse documento elas foram consideradas como um conteúdo, e antes eram apenas um tema transversal mencionado pelos PCN. Todavia, a forma na qual a BNCC propôs as PCA ainda deixa a desejar, visto que aponta como conteúdo apenas para o Ensino Fundamental II, negligenciando a abordagem da temática nas demais fases de ensino, além disso a divisão sugerida a partir dos objetos de conhecimento (PCA

na natureza e PCA urbanas) são incoerentes já que existem atividades de aventura que podem ser vivenciadas no meio natural e urbano.

Cabe frisar que na experiência do estágio foi selecionado o público das turmas do 8º e 9º anos, para os quais a BNCC sugere as Práticas Corporais de Aventura na Natureza, contudo no planejamento das aulas do estágio não se levou em conta essa divisão, pois nas primeiras aulas foram apresentadas a conceituação das PCA de forma geral assim como foram apresentadas modalidades aos alunos, os quais puderam escolher duas que iriam ser a temática base das aulas seguintes. Foram escolhidas: Rapel que é uma atividade que pode ser vivenciada em meios naturais e urbanos; e o skate, que é uma atividade exclusivamente urbana, fugindo assim do que indica a BNCC para essa fase de ensino e ressignificando o engessamento do processo de ensino e de aprendizagem de Educação Física.

6 CONCLUSÃO

A análise comparativa entre a teoria e a prática no estágio supervisionado evidencia que há convergência no que diz a literatura com a experiência no município de São Vicente do Seridó - PB. Além de revelar a pertinência das discussões acadêmicas sobre as PCA e seus desafios na Educação Física escolar.

O estudo reforça os desafios para abordagem das Práticas Corporais de Aventura nas aulas de Educação Física, como a necessidade de formação continuada para os docentes, já que é comum que os professores não tenham alcançado esse conteúdo em suas graduações, e mesmo os que cursaram ainda sentem dificuldades. A carência de investimento em infraestrutura e materiais que viabilizem a implementação dessas práticas no ambiente escolar, são um dos fatores que mais dificultam o trato das PCA. Outro fator limitador são os preconceitos relacionados a segurança que, por sua vez, para superar os receios por parte dos estudantes e principalmente das instituições quanto aos riscos dessas práticas, é importante embasamento sobre as medidas de segurança das atividades que se pretendem trabalhar, no intuito de apropriar o professor acerca dos devidos cuidados para não expor os alunos a situações que possam colocar em risco a integridade física deles.

No que concerne à abordagem das Práticas Corporais de Aventura nas aulas de Educação Física para pessoas com deficiência se configura um desafio duplo, pelas dificuldades que já existem em abordar esse conteúdo, que são adicionadas às barreiras sociais e à falta de preparo dos professores em adaptar aulas para esse público, já que isso requer uma pluralidade de estudos e especificações a depender da deficiência e necessidades de cada aluno. Com efeito, surge a necessidade de mais estudos em relação a abordagem das PCA's para com os alunos com deficiência, como também exige dos professores a formação continuada visto que a graduação não tem sido suficiente para suprir os desafios encontrados, assim ela se torna essencial para enfrentar as adversidades que surgem durante a prática pedagógica. Destacando ainda, a necessidade de estudos prévios a abordagem com os alunos com deficiência, entendendo que é de fundamental importância se debruçar sobre esta temática para minimizar os desafios quando surgirem oportunidades de experiência.

No contexto de São Vicente do Seridó - PB, observa-se que a implementação das PCA pode contribuir para a Educação Física, assim como valorizar os espaços

naturais e culturais da região. A criação de trilhas ecológicas educativas, oficinas comunitárias, projetos pedagógicos de esportes radicais, e parcerias com instituições locais são algumas das possibilidades para expandir a prática e consolidá-la como uma estratégia de desenvolvimento educacional e social. Dessa forma, a partir da experiência em São Vicente do Seridó, outras regiões do Nordeste e do Brasil podem se beneficiar de modelos similares, adaptando a implementação das PCA às suas especificidades.

Dessarte, esta pesquisa aponta para mais estudos sobre o apontamento das Práticas Corporais de Aventura na BNCC garantindo que a Educação Física assuma um papel estratégico na construção de uma educação mais inclusiva, contextualizada e transformadora.

REFERÊNCIAS

- AUGUSTO, A.; PEREIRA, D. W. Uma aventura pelo universo da fantasia infantil. *In*: PEREIRA, D. W. **Pedagogia da Aventura na Escola**. 1. ed. São Paulo: Fontoura, p. 27-38, 2019.
- BELTRÃO, J. A.; TAFFAREL, C. N. Z.; TEIXEIRA, D. R. A educação física no novo ensino médio: implicações e tendências promovidas pela reforma e pela BNCC. **Revista práxis educacional**, v. 16, n. 43, p. 656-680, 2020.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 28 jan. 2025.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação é Base – Ensino Médio. Brasília: MEC, 2018.
- CAPELLINI, V. L. M. F.; RODRIGUES, O. M. P. R. Concepções de professores acerca dos fatores que dificultam o processo da educação inclusiva. **Educação**, v. 32, n. 03, p. 356, 2009.
- DE MIRANDA FILHO, J. W. F. Um esboço sobre a importância de disciplinas opcionais para a melhoria qualitativa da formação humana e intelectual do estudante de escola em tempo integral. **Revista Docentes**, v. 2, n. 4, 2017.
- FERNANDES, A. V. *et al.* **Parkour e valores morais**: "ser forte para ser útil". 2015.
- FINARDI, F. Um relato de experiência com as Práticas Corporais De Aventura na Educação Física Escolar *In*: PEREIRA, D. W. **Pedagogia da Aventura na Escola**. 1. ed. São Paulo: Fontoura, p. 148, 2019.
- FREIRE, P. **Educação e mudança**. 12ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 21, 1979.
- INÁCIO, H. L. D. *et al.* Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades e desafios-reflexões para além da Base Nacional Comum Curricular. **Motrivivência**, v. 28, n. 48, p. 168-187, 2016.
- INÁCIO, H. L. D.; MORAES, T. M.; SILVEIRA, A. B. Educação Física e Educação Ambiental: Refletindo Sobre a Formação e Atuação Docente. **Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v. 11, n. 4, p. 1-23, out./dez. 2013.
- KRIPKA, R.; SCHELLER, M.; BONOTTO, D. L. Pesquisa Documental: considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa. **CIAIQ2015**, v. 2, p. 244, 2015.
- MARTINY, L. E.; THEIL, L. Z.; NETO, E. M. A legitimação da educação física escolar: a cultura corporal de movimento como linguagem e condição de possibilidade de conhecimento. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 3, p. 241-247, 2021.

NEIRA, M. G. Incoerências e inconsistências da BNCC de Educação Física. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 40, p. 215-223, 2018.

PAIXÃO, J. A. et al. Risco e aventura no esporte na percepção do instrutor. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, p. 415-425, 2011.

PEREIRA, D. W. Aventura na Educação Infantil, Vamos Ampliar a BNCC?. *In*: PEREIRA, D. W. **Pedagogia da Aventura na Escola**. 1. ed. São Paulo: Fontoura, 2019. p. 17-26.

PEREIRA, D. W.; RICHTER, F. Aventura na escola, novidades e emergências para a Educação Física. *In*: PEREIRA, D. W. **Pedagogia da Aventura na Escola**. 1. ed. São Paulo: Fontoura, 2019. p. 81-90.

PEREIRA, D. W.; WAINER, C.; WAINER, J. AVENTURA: CONHECER E JOGAR. *In*: PEREIRA, D. W. **Pedagogia da Aventura na Escola**. 1. ed. São Paulo: Fontoura, 2019. p. 109-119

ROSÁRIO, L. F. R.; DARIDO, S. C. A sistematização dos conteúdos da educação física na escola: a perspectiva dos professores experientes. **Motriz Revista de Educação Física**, p. 167-178, 2005.

SANTOS, J. A. S. EDUCAÇÃO FÍSICA NO SÉCULO XXI: A AVENTURA NO AMBIENTE ESCOLAR. *In*: PEREIRA, D. W. **Pedagogia da Aventura na Escola**. 1. ed. São Paulo: Fontoura, p. 121-128. 2019.

SAVIANI, D. Breves considerações sobre fontes para a história da educação. **Fontes, história e historiografia da educação. Campinas: Autores Associados**, p. 3-12, 2004.

SILVA, C. B. et al. Escaladas Esportivas e Síndrome de Down: Uma Experiência na Escola de Educação Especial Juliano Varela em Campo Grande/MS. *In*: PEREIRA, D. W. **Pedagogia da Aventura na Escola**. 1. ed. São Paulo: Fontoura, p. 39-57, 2019.

SILVA, G. C. R. F. **O método científico na psicologia: abordagem qualitativa e quantitativa**. 2010.

SILVEIRA, K. A.; ENUMO, S. R. F.; ROSA, E. M. Concepções de professores sobre inclusão escolar e interações em ambiente inclusivo: uma revisão da literatura. **Revista brasileira de educação especial**, v. 18, p. 695-708, 2012.

SOARES, C. C. **Cooperação internacional e redes metaestáveis**: Um estudo comparado das políticas de inclusão para as pessoas com deficiência promovidas pela Universidade Estadual da Paraíba e pela Universidade de Romatze. Tese (Doutorado em Políticas Educacionais) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023.

VIEIRA, J. R; CARVALHO, A. J. S. Estratégias de Ensino dos Esportes de Aventura: Perspectivas para os Conteúdos da Educação Física Escolar. *In*: PEREIRA, D. W. **Pedagogia da Aventura na Escola**. 1. ed. São Paulo: Fontoura, p. 59-72, 2019.

VITAL, H. S. AVENTURA SOB RODAS NA ESCOLA. *In*: PEREIRA, D. W. **Pedagogia da Aventura na Escola**. 1. ed. São Paulo: Fontoura. p. 73-79, 2019.

APÊNDICE A – DIÁRIO DE CAMPO DOS ENCONTROS DO ESTÁGIO

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
Curso: LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA
Componente Curricular: ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV
Período: 2022.2

REGISTRO DE ATIVIDADES DO PROJETO

**OBS: SE LEMBRAR DOS
REGISTROS PARA A EDIÇÃO
DO VÍDEO SÍNTESE DO
ESTÁGIO**

GRUPO: João Helder de Araújo Albuquerque e Márcia Caroline Lima de Araújo Silva
PROFESSOR (A) SUPERVISOR(A): Daniel Batista Santana

Data	Atividades realizadas
30/09	DIÁRIO DE CAMPO – SEMANA 1 – 30 DE SETEMBRO 2022 Não foi possível a realização do encontro devido às atividades da escola terem sido suspensas neste dia pelo fato do prédio estar à disposição da justiça eleitoral para as eleições deste domingo. Contudo, foi realizado o planejamento para a primeira intervenção que será realizada na próxima sexta-feira dia 7 de outubro de 2022. O planejamento teve a finalidade de elaborar as atividades iniciais do projeto, o qual modificamos por mais de uma vez a sua estrutura com o objetivo de propiciar uma aula mais ativa por parte dos alunos acreditando ser uma melhor opção para o processo de ensino aprendizagem e também para se tornar mais atrativo para os alunos, com o receio da desistência de alguns participantes tendo em vista que não obrigatório a sua participação. Após a decisão dos momentos a serem executados, pesquisamos vídeos e imagens para o auxílio na didática da aula. Também foi necessário solicitar o Slackline de um colega professor para realização de uma das atividades.
07/10	DIÁRIO DE CAMPO - SEMANA 2 - 07 DE OUTUBRO 2022 Foi realizado o primeiro encontro, onde inicialmente apresentamos o projeto e seus objetivos. Em seguida começamos as discussões acerca das práticas corporais de aventura, detectando os conhecimentos prévios dos alunos. Na

	sequência trouxemos um vídeo ilustrativo, expondo algumas práticas corporais de aventura para o primeiro contato de alguns alunos. A análise do vídeo gerou as discussões do momento seguinte, onde os discentes analisaram as mais diversas perspectivas, como os locais onde eram vivenciadas as práticas, quem as realizava, se eram feitas na natureza ou na zona urbana e etc. No terceiro momento foi feita uma caminhada através da cidade, no intuito de associar os elementos contidos nos vídeos e nas práticas corporais de aventura com aspectos da paisagem urbana da sua cidade. Os alunos coletaram dados, como fotos e anotações. Já no quarto momento foi vivenciado a iniciação ao slackline, os alunos tiveram a oportunidade de montar o equipamento, e praticar o slackline. Durante a vivência foram abordadas as discussões sobre medo, segurança e preservação da paisagem. Os alunos trouxeram a problemática de muitos ambientes de sua cidade não serem utilizados para as PCA's. No quinto e último momento, encaminhamos as atividades da próxima aula, pedindo para os alunos se dividirem em grupos e escolherem temas para pesquisarem.
14/10	DIÁRIO DE CAMPO - SEMANA 3 - 14/10 Neste dia não houve encontro presencial devido o prédio da escola estar fechado em decorrência do feriado do dia dos professores, logo ficamos voltados para o planejamento do encontro na semana subsequente. O planejamento foi voltado para a aula de skate onde decidimos além da vivência do mesmo, como compreendê-lo como fenômeno sócio-cultural. Em relação a vivência tivemos um pouco de dificuldade no planejamento já que não temos skate próprio, tivemos que pedir emprestado. Em relação ao planejamento das discussões foi mais simples o procedimento já que tínhamos uma base teórica boa acerca das problemáticas a serem abordadas. Focamos principalmente em levar aos alunos uma ótica de como o skate pode ou poderia alterar o ambiente no qual eles estão inseridos, e também tentado instigá-los a questionar o porquê essa prática não é tão presente na cidade em que eles vivem.
21/10	DIÁRIO DE CAMPO - SEMANA 4 - 21/10 O encontro teve início com um momento de contextualização da história do skate, onde podemos notar que os alunos ficaram dispersos e não demonstraram tanto interesse. Contudo, no segundo momento onde começamos a problematizar o skate no contexto sócio-cultural eles demonstraram uma participação surpreendente, mesmo sabendo das dificuldades da compreensão dos conceitos de cultura, por exemplo. Os alunos conseguiram compreender os porquês do skate não ser tão popular na sua região e conseguiram apontar como o mesmo poderia ter mais espaço na sua cidade. Já na parte da vivência os alunos tiveram na sua maioria o primeiro contato com o skate, inicialmente com um pouco de receio de subir na prancha, mas

	todos vivenciaram no fim. Levamos a eles os primeiros passos para subir na prancha, remada e também as manobras iniciais. Eles se mostraram bastante interessados e participativos, acredito que por ser algo totalmente novo, mas que eles já haviam conhecido através da TV e da mídia. Abordamos a questão do equilíbrio e mais uma vez a segurança reforçando a colaboração mútua dos alunos. Após o intervalo retornamos para a sala de aula para que os alunos pudessem fazer seus apontamentos acerca da aula, tanto sobre as dificuldades das vivências como os conceitos discutidos. Também foi encaminhada a pesquisa para o encontro seguinte, com a finalidade de aproximá-los à pesquisa.
28/10	DIÁRIO DE CAMPO - SEMANA 5 - 28/10 O encontro desta semana foi remoto, devido a não disponibilidade do prédio da escola e não podíamos adiar mais para não atrapalhar nosso cronograma, contudo alguns alunos sinalizaram que não iriam participar por problemas de conexão, por falta de aparelhos e outros identificamos que era por falta de interesse. Neste último percebemos que por uma aula a distância não tendo a parte de vivência alguns não se sentiram estimulados a participar, o que reforça a ideia que ainda persiste na mente dos alunos que a educação física é totalmente prática ou que esta é a parte que eles enxergam como atrativa. Ao encaminharmos a pesquisa pedimos três pontos que necessariamente deveriam ter, que foram eles, em quais países essas práticas eram mais comumente realizadas, falar sobre a prática no Brasil e trazer um projeto sobre a prática que já foi ou que está sendo aplicado no Brasil, contudo deixamos eles livre para falar sobre outros temas voltados a temática de cada grupo que acharam importante. Na aula foi realizada inicialmente as apresentações dos grupos onde estes não trouxeram os elementos exigidos da pesquisa em sua plenitude, não apresentando o item de projetos que envolvessem o rapel e o skate, pois segundo eles não conseguiram encontrar nenhum projeto, em contrapartida trouxeram muitas informações importantes que não tínhamos solicitado. O fato de os alunos não terem trazido os projetos (que era o ponto chave da aula), fez com que a aula não desenvolvesse como queríamos. Após cada apresentação fizemos os comentários sobre as apresentações, e em seguida pedimos para que os alunos do rapel comentassem os pontos importantes e que mais lhe tinham chamado atenção sobre o grupo do skate e vice-versa. O que percebemos de imediato na aula foi que os alunos tiveram dificuldade de entender o que realmente é um projeto, então focamos em explicar o que se entende por um projeto de forma breve, a partir de que ele surgir e qual seu objetivo. Logo após apresentamos dois projetos um sobre rapel e outro sobre skate, ambos que foram aplicados no Brasil, essa apresentação foi feita explicando de que problemática o projeto teria surgido, quais seus objetivos e suas metodologias, para que ficasse claro o objetivo de um projeto. Para finalizar a aula pedimos para que cada aluno gravasse um áudio falando sobre uma problemática que eles enxergavam na sua cidade sobre o skate e sobre o rapel.

04/11	DIÁRIO DE CAMPO - SEMANA 5 O encontro não foi realizado presencialmente, a proposta era de ser uma aula onde vivenciariamos o rapel, conseguimos um instrutor com os equipamentos necessários para a prática do rapel. Só que não foi possível a realização da aula pois na cidade de São Vicente não havia prédios ou edifícios que viabilizassem a vivência do rapel, os edifícios da cidade são baixos e o relevo desfavorável para a prática do mesmo. Procuramos por todo o município observando todos prédios e edifícios que seria possível para a realização das aulas. Com tudo focamos na elaboração do próximo encontro, que seria destinado a realização da pesquisa. Elencamos os conteúdos e discussões pontuados até o momento no workshop para serem abordados nos podcast, para que os alunos pudessem pesquisar mais e preparar suas falas na gravação. Conseguimos a câmara municipal de vereadores e seus aparatos audiovisuais para gravar o podcast, para dar um melhor suporte.
11/11	DIÁRIO DE CAMPO - SEMANA 6 Destinamos essa aula à realização da pesquisa, por meio de um podcast. Com as pautas de rapel e skate continuamos com as divisões dos 2 grupos. Ainda todos juntos introduzimos a proposta da criação do podcast, explicando no que consiste um e especificando o objetivo do nosso. Em seguida, a Professora Márcia ficou com grupo do Rapel e Professor João com o skate. Depois disso demos os encaminhamentos separadamente, selecionando os pontos até então abordados e passamos para os aprendentes para que eles escolhessem as problemáticas a serem abordadas. Após a escolha orientamos os alunos na coleta de informações. Pedimos para que levassem os celulares para facilitar o processo de pesquisa, encaminhamos eles para pesquisarem os temas por eles escolhidos trazendo dados para corroborar com suas opiniões. Fomos orientando tirando suas dúvidas e dando encaminhamentos para chegarem aos objetivos de suas falas. O segundo momento da aula foi destinado à gravação do podcast, os alunos se mostraram bem entusiasmados a realizar a atividade, logo muitos conheciam alguns podcasts. O processo de gravação se deu de forma tranquila, onde usamos os nossos celulares para a gravação do podcast e utilizamos os microfones para uma melhor captação do áudio. É interessante frisar que os alunos demonstraram interesse em gravar mais vezes, pedindo outras edições do podcast. Ainda podemos perceber que muitos alunos tiveram dificuldade em mostrar suas opiniões, principalmente pelo fato que grande parte dos alunos que participaram do encontro faltaram nos anteriores, logo a compreensão da proposta foi um pouco comprometida por esses. Mas no geral a desenvoltura deles foi boa, compreendendo o que é um podcast e participando bastante tanto na pesquisa como na gravação.

**APÊNDICE B – REGISTRO DO PRIMEIRO MOMENTO DO PRIMEIRO
ENCONTRO DO ESTÁGIO**



**APÊNDICE C – REGISTRO DA CAMINHADA REALIZADA NO PRIMEIRO
ENCONTRO DO ESTÁGIO.**



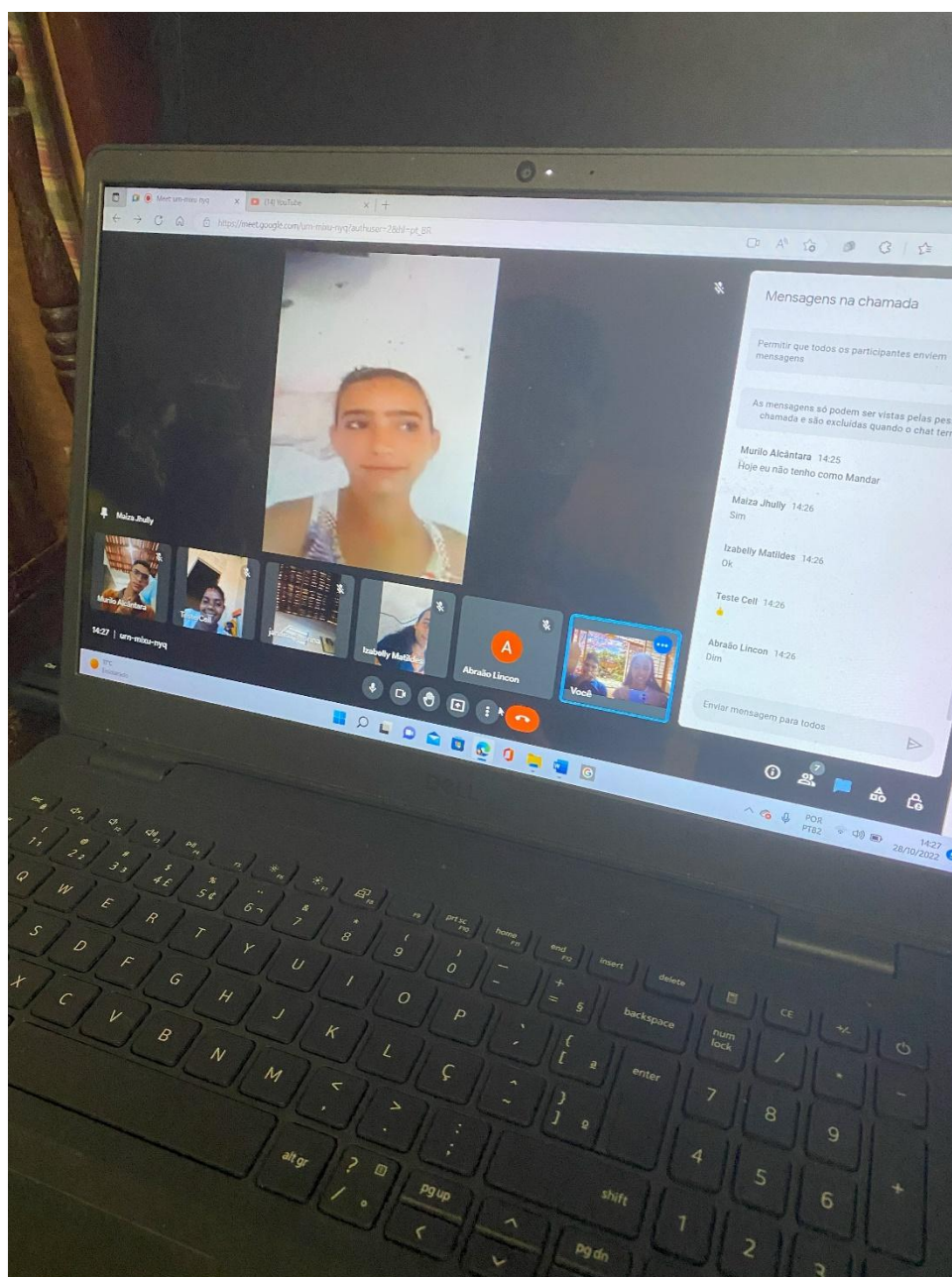
APÊNDICE D – REGISTRO DA VIVÊNCIA COM O SLACLINEL REALIZADA NO PRIMEIRO ENCONTRO DO ESTÁGIO.



APÊNDICE E – REGISTRO DA VIVÊNCIA DO SKATE REALIZADA NO SEGUNDO ENCONTRO DO ESTÁGIO.



**APÊNDICE F – REGISTRO DA APRESENTAÇÃO DAS PESQUISAS
REALIZADAS NO TERCEIRO ENCONTRO DO ESTÁGIO.**



**APÊNDICE G – REGISTRO DA GRAVAÇÃO DO *PODCAST* REALIZADO NO
QUARTO ENCONTRO DO ESTÁGIO.**



**APÊNDICE H – REGISTRO DA TRILHA ECOLÓGICA REALIZADA NO QUINTO
ENCONTRO DO ESTÁGIO**

